



# FNLIJ

Seção Brasileira do International Board on Books for Young People **iBbY**

DESDE 1968

## Notícias 10

Outubro 2011 | [www.fnlj.org.br](http://www.fnlj.org.br)

# Outubro: mês da Criança, da Leitura, da Biblioteca Escolar e do Livro

**E**m outubro comemoramos diversas datas muito significativas para quem gosta de ler, de livros e para quem está comprometido com a formação de leitores. No dia 12 de outubro homenageamos as nossas crianças e nos lembramos da importância da leitura na vida de cada um de nós. Três dias depois são homenageados os professores e mestres que nos conduzem ao universo do conhecimento por meio dos livros. A Lei Federal nº 11.899/2009, assinada pelo ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, instituiu o dia 12 de outubro como o Dia Nacional da Leitura e prevê ainda a Semana Nacional da Leitura e da Literatura, comemorada no mesmo período do Dia Nacional da Leitura.

O Instituto Ecofuturo, do qual a FNLIJ é parceira no projeto *Biblioteca Comunitária Ler é Preciso*, foi o principal articulador dessa conquista, trabalhando desde 2006 para instituir a data no calendário brasileiro. Há dois anos essas novas comemorações têm por finalidade influenciar ações de promoção da leitura, viabilizadas pela sociedade civil, além de implementação de políticas públicas que busquem ampliar e democratizar o acesso ao livro e à leitura no país.

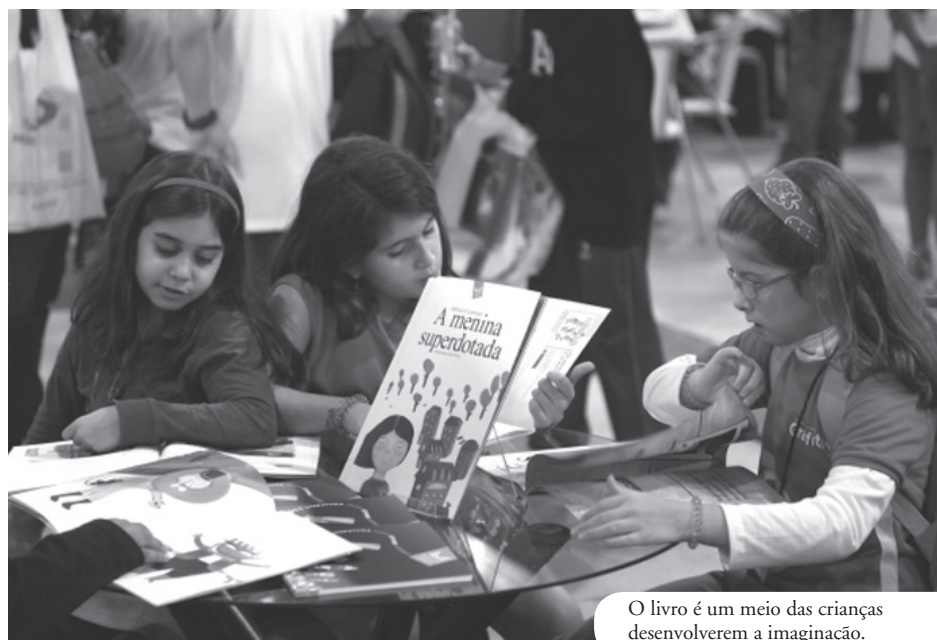
*Todo o dia é dia de ler.* Com esse lema o Instituto Ecofuturo lançou a campanha de mobilização 2011 para o Dia Nacional da Leitura, a fim de compartilhar conhecimento sobre a importância da oferta de leitura literária para crianças desde a primeira infância, na fase de 0 a 6 anos. Nessa edição, o Ecofuturo articulou ações para a Semana da Leitura e da Literatura e o

# TODO DIA É DIA DE DIA LER

Dia Nacional da Leitura com diversas organizações sociais. Os parceiros que aderiram à campanha contaram com um material especial de referência disponível na Biblioteca Virtual, no site do Dia Nacional da Leitura. Foram os *Passaportes Brincar de Ler e Leitura e Escrita*, publicações de bolso, organizadas pelo Instituto Ecofuturo, com dicas sobre como inserir a leitura na vida de crianças e de jovens; o *Roteiro de Leitura Pública*, que traz orientações para a organização de uma roda de

leitura, e um acervo de sugestões de leitura por faixa etária, além de outros materiais e uma cuidadosa seleção de obras dos maiores nomes da literatura nacional e internacional. Segundo a diretora de Educação e Cultura do Instituto Ecofuturo, Christiane Castilho Fontelles, a formação de leitores passa pelo carinho e pelo afeto. “Por isso, é tão importante os pais, avós e familiares oferecerem leitura para as crianças, inclusive desde a gestação, se possível, pois é através da voz confortável e segura dos pais que a criança toma amor pela leitura”, comenta Christiane.

Este ano o Instituto Ecofuturo lançou também o mote *Biblioteca todo dia*, que tem seção especial no site da campanha com informações para a sociedade sobre como a gestão pública pode viabilizar a efetividade da Lei 12.224/10, que determina instalação de bibliotecas em todas as escolas do país. “É um espaço para oportunizar a participação de todos e concretizar o direito do pleno acesso



O livro é um meio das crianças desenvolverem a imaginação.

ao conhecimento disponibilizado nos livros” conclui a diretora de Educação e Cultura do Ecofuturo. A campanha de 2011 fez um convite especial aos profissionais de bibliotecas de todo o país para viabilizarem sua abertura e realizarem leituras no feriado de 12 de outubro, como uma manifestação para a criação de políticas públicas que ofereçam condições para que as bibliotecas permaneçam abertas todos os dias, incluindo período noturno, finais de semana e feriados, como acontece em outros países. A Fundação Biblioteca Nacional aderiu à campanha mantendo a Biblioteca Nacional aberta ao público durante o feriado para a garotada aproveitar o Dia das Crianças lendo bons livros.

O Dia Nacional da Leitura é muito mais do que um dia de homenagem aos mais diversos benefícios de ler desde a primeira infância, ele é construído por ações. No ano passado a campanha *Todo dia é dia de ler* conseguiu realizar 110 atividades de leitura em 13 estados e 56 municípios por meio de parcerias com 50 instituições do terceiro setor, organizações sociais, órgãos governamentais e entidades de iniciativa privadas. Ao todo, a campanha foi divulgada para cerca

de 4 milhões de pessoas por ações em rede. Foram 16 mil acessos ao site da campanha.

Leia mais no site [www.ecofuturo.org.br](http://www.ecofuturo.org.br)

Outubro também é o mês da Biblioteca Escolar. A data foi escolhida pela *International School Library – IASL*, como o *Mês Internacional da Biblioteca Escolar*. Segundo o IASL o estabelecimento da data permite que professores e responsáveis pelas bibliotecas escolham um dia no mês de outubro para refletir sobre a sua importância. Em sua primeira comemoração a data se junta às outras celebrações importantes em torno da leitura e do livro, principalmente no momento em que a biblioteca escolar em nosso país se torna obrigatória. A data favorece a reflexão sobre a necessidade de se ter biblioteca na escola e a sua importância para a formação dos alunos se tornando pauta permanente para a comunidade escolar.

Também em outubro comemora-se no dia 29, o Dia Nacional do Livro, data de aniversário da Biblioteca Nacional. Portanto, assim como o mês de abril, outubro, agora também é um mês para celebrarmos essa rede que entremeia a criança, os pais e os professores,

alinhavada por livros literários, e quem sabe, em um futuro próximo.

Elizabeth Serra, secretária geral da FNLIJ, reforça que todo o dia é dia de ler, nos meses de outubro e abril, comemoramos as datas, porém a prática de leitura é diária. “Lembramos aos professores, mestres, pais, responsáveis e a sociedade que é por meio dos livros que todos nós começamos a busca do conhecimento. Eles nos possibilitam entender o mundo e o nosso dia a dia, nos remetendo para outros mundos. Em especial, o mundo da imaginação”



A família é muito importante no incentivo à leitura.

## Como surgiu o Dia da Criança

O dia 12 de outubro foi oficializado Dia Nacional da Criança, na década de 1920, pelo presidente Arthur Bernardes, por meio do decreto nº 4867, de 05 de outubro de 1924. A ideia de criar um dia para homenagear as crianças foi do deputado federal Galdino do Valle Filho.

## Revista do MetrôRio destaca a importância da leitura para as crianças

No embalo das comemorações do Dia das Crianças a Revista Estação, publicação mensal, distribuída gratuitamente aos usuários do MetrôRio, trouxe, na capa da edição de outubro, a reportagem *Livro, o grande amigo*

Capa da revista Estação, com a matéria sobre a importância da leitura para as crianças.

*das crianças*, sobre a importância da leitura na primeira infância, apresentando uma variedade de sugestões de programação de incentivo à leitura, desenvolvida pela Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro. Confira a programação no site [www.rj.gov.br](http://www.rj.gov.br)



CONFIRA OS PASSATEMPOS E A SEÇÃO DE DIVERSÃO



# A colombiana Silvia Castrillón veio ao Brasil debater sobre biblioteca e formação de leitores

Convidada para participar do Seminário *Conversas ao Pé de Página*, Silvia Castrillón esteve no Brasil para debater sobre biblioteca e formação de leitores. Ela é um dos nomes mais importantes no desenvolvimento de bibliotecas da América Latina e especialista em políticas públicas de apoio à leitura e à escrita. Formada em Biblioteconomia, em Medellín, com especialização em Educação na França. Durante os anos em que dirigiu a Fundação para o fomento à Leitura – Fundaleitura, nos anos 1990, recebeu o Prêmio IBBY ASAHI, o mais importante reconhecimento internacional voltado aos trabalhos de fomentação à leitura. Como ex-presidente da seção colombiana do IBBY, foi responsável pela organização do 27º Congresso Mundial do IBBY, em Cartagena das Índias, na Colômbia. Essa foi a segunda vez que o Congresso do IBBY foi realizado na América Latina, a primeira vez foi no Rio de Janeiro, em 1974, organizado pela FNLIJ, seção brasileira do IBBY. Atualmente Silvia Castrillón é dirigente da Associação Colombiana de Leitura e Escrita – Asolectura.

No dia 13 de setembro, a colombiana Silvia Castrillón e a brasileira Maria Zenita Monteiro, diretora da Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas de São Paulo, mediadas por Patricia Bohner Pereira Leite, diretora da Cor da Letra, participaram da quinta conversa da série de encontros do Seminário *Conversas ao Pé de Página*, sobre *Biblioteca e formação de leitores*, no auditório Paulo Autran, no SESC Pinheiros, em São Paulo. O Seminário era constituído por seis encontros com palestrantes

internacionais, primordialmente latino-americanos. Organizado e concebido pela novíssima revista eletrônica *Emília – leitura e literatura para crianças e jovens* – e A Cor da Letra – Centro de Estudos em Leitura, Literatura e Juventude – o *Conversas ao Pé de Página* foi uma realização do SESC São Paulo – SESC Pinheiros e contou com a parceria do Instituto C&A; da Coordenadoria de Bibliotecas da Secretaria da Cultura do Município de São Paulo; da Fundação Banco do Brasil; do Instituto Tomie Othake; do Jogo de Amarelinha; do Instituto Ecofuturo; do Instituto Lambari; do Instituto Foco e do Astro Café.

Mais informações no site [www.secsp.org.br](http://www.secsp.org.br)

Em parceria com os organizadores do Seminário, foi possível à FNLIJ convidar Silvia Castrillón para proferir uma palestra sobre o mesmo tema *Biblioteca e formação de leitores* no Rio de Janeiro. Ela dividiu a mesa com Simone Monteiro, coordenadora do Programa *Rio, uma cidade de Leitores*, da SME-RJ, e com Vera Saboya, superintendente da Leitura e do Conhecimento da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, mediadas por Elizabeth Serra. A palestra aconteceu no dia 22 de setembro, no Centro de Artes Calouste Gulbenkian, no centro da cidade, com o apoio das Secretarias Municipais de Cultura e de Educação do RJ, concedido pela Secretaria de Cultura.



Silvia Castrillón.

Elizabeth Serra abriu o evento dando boas-vindas ao público, que lotou o espaço, apresentou as três palestrantes, e em seguida, deu a palavra à Isis Valéria, presidente do Conselho Diretor da FNLIJ. Isis apresentou e traçou uma pequena trajetória dos editores, Márcia Leite e Leonardo Chianca, responsáveis pela editora Pulo do Gato, que estreia no mercado com o livro *O direito de ler e de escrever*, de Silvia Castrillón, com prefácio de Bartolomeu Campos de Queirós, primeira obra da autora a ser traduzida em Língua Portuguesa. A editora, gentilmente, deu um exemplar do livro para todos os presentes nas palestras proferidas por Silvia, não apenas a do Rio de Janeiro, mas em outras cidades brasileiras.

Antes de dar a palavra à Silvia, Elizabeth falou um pouco da



parceira dos 25 anos, entre Silvia e a FNLIJ. Silvia agradeceu o convite à FNLIJ e iniciou traçando um paralelo entre ser leitor e ser escritor. Falou do papel da biblioteca que propicia o acesso à cultura literária, aos textos literários, mediante a prática da leitura. Citou Paulo Freire, ressaltando a importância do pensador brasileiro para suas reflexões. E encerrou levantando a questão de se pensar formas mais eficazes de organização e fins sociais da biblioteca.

Simone Monteiro fez um breve histórico das ações da atual gestão da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e um elo entre a questão levantada por Silvia e o Programa *Rio, uma cidade de Leitores*, desenvolvido pelo órgão municipal. Levou questões como o resignificado desses espaços de leitura; o que pensamos sobre eles; o que é prazer e dever; a necessidade do trabalho conjunto entre professores e bibliotecários; e o professor como leitor. O programa *Rio, uma cidade de Leitores* tem várias atividades e os cursos para professores da rede municipal, em parceria com a FNLIJ, formando professores/leitores, fazem parte da programação. Simone encerrou levantando a questão: Que leitores somos nós?

Vera Saboya contou um pouco da sua experiência como leitora em bibliotecas públicas na época

de estudante e das situações vividas à frente da Biblioteca do PAC de Mangunhos. Vera lembrou que a implantação das Unidades de Polícia Pacificadoras nas comunidades do Rio de Janeiro teve como base projetos realizados em áreas violentas de Bogotá. Em seguida o público fez perguntas e levou outras questões sobre bibliotecas e formação de leitores.

Silvia encerrou sugerindo que escola e biblioteca caminhem juntas, lembrando que o direito de ler e de escrever é de todos!

“Bibliotecária por excelência e educadora por convicção, Silvia Castrillón indica pertinentes considerações sobre a educação como processo de liberdade e para a liberdade. A autora compreende e justifica que não há escola

comprometida com mudanças se a leitura não é compreendida como horizonte para o conhecimento, como porta para a compreensão dos fazeres da humanidade e suas novas proposições”, escrito por Bartolomeu Campos de Queirós para a contracapa do livro *O direito de ler e de escrever*, de Silvia Castrillón, lançado depois da palestra.

Dando continuidade a agenda de compromissos no Brasil, Silvia participou, juntamente com Elizabeth Serra, do *I Congresso Internacional do Grupo de Pesquisa Leitura e Literatura na Escola sobre Juventude e Letramento Literário*, organizado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Unesp, em Assis, São Paulo. Ainda em São Paulo, antes de sua viagem ao Rio, participou do curso *Um Panorama da Literatura para Crianças e Jovens*, na Universidade do Livro, no prédio da Fundação Editora da UNESP, seguindo, depois do Rio de Janeiro, a convite do Instituto de Desenvolvimento da Educação - IDE, para a cidade de Natal/RN.

Leia a seguir a entrevista concedida por Silvia Castrillón a Elizabeth Serra para o jornal Notícias. E no Suplemento *Reflexões sobre leitura e literatura infantil*. Fascículo nº 42, o texto completo da palestra *Biblioteca e formação de leitores*, realizada no Rio de Janeiro.



Isís Valéria (presidente do Conselho Diretor da FNLIJ); Marisa Borba (membro do Conselho Diretor da FNLIJ); Simone Monteiro (coordenadora do programa Rio, uma cidade de leitores - SME-RJ); Elizabeth Serra (secretária geral da FNLIJ); escritor Bartolomeu Campos de Queirós; Patrícia Lacerda (Instituto C&A); bibliotecária Silvia Castrillón; Dolores Prades (coordenadora editorial da revista eletrônica Emília); Márcia Leite e Leonardo Chianca (editores da editora Pulo do Gato).

# A entrevista da bibliotecária colombiana Silvia Castrillón para o Notícias

**Elizabeth Serra** - Que sentido tem tido a Asolectura na Colômbia na geração de consciência em torno da importância da leitura e da escrita?

**Silvia Castrillón** - A Asolectura teve um caráter especial, pois ao final dos anos 90, chegou para encher um vazio no panorama das organizações que funcionavam na Colômbia promovendo a leitura. Foi a única instância que se constituiu como espaço de organização da sociedade civil. Na Colômbia houve sempre uma longa tradição de entidades com o propósito de fomentar a leitura, mas nenhuma com o objetivo específico de trabalhar pela inclusão da cultura escrita como um direito de todos. Há entidades e redes destas entidades, algumas provenientes do setor público e outras do setor privado, mas nenhuma do setor social e com fins de contribuir para as políticas públicas.

Esta entidade trabalhou durante mais de 12 anos com o objetivo fundamental de incentivar a organização da sociedade civil sobre a conscientização do direito à cultura escrita.

**ES** - Tendo em conta a história da entidade, qual é a razão para que Asolectura mude agora a sua modalidade de trabalho?

**SC** - Em sociedades como as nossas é difícil que entidades da área da leitura sejam auto-sustentáveis, a menos que realizem ações que não necessariamente estão orientadas aos seus objetivos centrais. Até a presente data, a Asolectura tem se mantido mediante convênios ou contratos com outras instituições para avançar em programas de promoção da

leitura. Os principais objetivos destes programas têm sido os que permitiram a formação de grupos de jovens, crianças, professores, bibliotecários e mediadores para análise, estudo e a reflexão de temas associados à leitura e à escrita e sua promoção, a literatura e a formação de leitores. Mas estes programas são mantidos na medida em que o poder público ou a empresa privada os patrocine e, isso só é possível se, por uma parte, no poder público há uma convicção de que o acesso à cultura escrita é um direito, e na empresa privada se existir a consciência de planejarem ações em longo prazo de desenvolvimento, uma vez que não terão rendimentos imediatos. Por este motivo, tomamos a decisão na Asolectura de orientar todos os nossos esforços somente para a abertura de espaços que impulsionem a discussão desses temas.

**ES** - Quais são estes espaços e quais os temas de maior discussão?

**SC** - Em relação aos espaços, seguiremos com a coleção *Primeiro o leitor* onde se publicam textos de especial importância para alimentar a reflexão sobre cultura escrita, leitura, literatura; estamos preparando o lançamento de um jornal digital; e continuaremos com um dos grupos de leitura em voz alta de obras literárias, de ensaios sobre leitura e de discussão dos mesmos.

Por meio destes espaços pretendemos fazer debates públicos – especialmente entre as pessoas que, como os professores e os bibliotecários, estão mais envolvidos na formação de leitores – sobre muitos temas que a sociedade passa

por cima, como por exemplo: as políticas públicas sobre leitura e escrita em geral, mas em particular, os planos e programas do Estado, a forma em que se avaliam estes planos, a legislação com que se pretende garantir um acesso democrático ao livro, os objetivos da escola enquanto à formação de leitores, as bibliotecas escolares, a formação dos docentes, o caráter público da biblioteca pública, e muitos outros.

**ES** - Que projetos têm sido realizados em parceria das entidades que você tem presidido na Colômbia e a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, do Brasil?

**SC** - Muitos. Com a FNLIJ temos tido sempre projetos e sonhos comuns. Quase todos eles com o objetivo de estabelecer laços entre nossas culturas por meio dos livros para crianças. Durante mais de uma década realizamos atividades conjuntas para a integração dos países da América Latina dialogando com as Seções de IBBY. Produziu-se uma revista latino-americana de literatura infantil e juvenil e se organizou, em 2000, o 27º Congresso de IBBY, em Cartagena das Índias.

Antes disso, na década de 80, quando foi criada a Associação Colombiana para o Livro Infantil, ACLIJ, como Seção Colombiana de IBBY, formou-se o Centro de informação sobre o livro brasileiro. A proposta era divulgar na Colômbia os melhores livros para crianças e jovens publicados no Brasil naquela época, buscando atrair o interesse de editores colombianos. Pensávamos que as



editoras colombianas que recém iniciavam a produção de livros editados no país deveriam olhar para o Brasil, nação com a qual temos tanta proximidade cultural, pois até então o referencial dos editores era primordialmente a Europa e a América do Norte. Organizou-se, então, este centro alimentado pelos títulos mais destacados e reconhecidos que a FNLIJ nos enviava. Dali, as primeiras edições de Ziraldo, Ana Maria Machado, Angela Lago e Lygia Bojunga surgiram.

Mais tarde, a estes autores se somaram outros.

É bom destacar as atividades atuais da Babel Libros, que tem um acervo ainda incipiente e pequeno, mas conta com títulos de Ana Maria Machado, Marina Colasanti, Angela Lago, Nilma Lacerda e Bartolomeu Campos de Queirós.

O objetivo agora é também divulgar autores colombianos que, apesar de grande qualidade, são desconhecidos no Brasil, como Helena Iriarte, Pedro Badrán e Francisco Montaña, para o qual a FNLIJ já conta com mostras de alguns de seus principais títulos, entre outros:

Em *O dia da Mudança*, de Pedro Badrán, o autor nos apresenta uma linguagem poética para tratar de um drama familiar apresentado de forma contida. A decadência de uma família vinda das diferentes formas que tem o fracasso: um bairro perigoso; uma casa caindo aos pedaços; a vergonha de um pai que perdeu o trabalho; a ladainha de uma mulher frustrada... Esta obra, ganhadora do Prêmio Nacional de Novela Cidade de Bogotá em 2000, é mais do que uma novela familiar. É um retrato da transformação que tem vivido o nosso país com o narcotráfico e a sua sinistra maneira de permear os diferentes setores sociais e transformar costumes, valores,

relações, e de gerar uma verdadeira mudança. E esta mudança é narrada alternativamente por dois irmãos que, pouco a pouco e ao longo da novela, vão se transformando de crianças em adolescentes que descobrem a vida, mas também a dura realidade de um mundo que já não é tão perfeito, nem tão estático como o da infância.

*Lembras Juana?*, de Helena Iriarte é uma história onde o tom, a voz de quem narra e a linguagem, são os protagonistas. O leitor se sente envolvido desde o início e se faz cúmplice, já que é o único que sabe o que os outros personagens da história nunca chegam a saber. Por meio desta voz conhecemos Juana, uma menina sensível, criativa, que se refugia no mundo da fantasia ao se sentir rejeitada por uma mãe fria, frívola, decepcionada de ter uma criança quase negra, feia, aleijada e arisca. Juana busca consolo com seu pai, quem alimenta o seu ser criança e com quem compartilha o mundo lúdico dos jogos e da literatura. Mas o pai de Juana morre e a menina se muda com a sua mãe para uma casa convertida em hospedagem. Neste lugar, a novela se desenvolve como num cenário teatral. Os hóspedes vão se transformando em personagens pitorescos aos olhos de uma criança que foge cada vez mais da realidade, personificada por uma mãe que a rejeitava e a maltratava, e se refugia na lembrança de seu pai, com quem conversa todas as noites.

*Não comas girinos (larvas)*, de Francisco Montaña. Selecionado na lista WHITE RAVENS 2010 da Internationale Jugendbibliothek, em Munique, Alemanha, é uma novela curta onde o autor assume temas difíceis como o abandono, o descuido e o desprezo sofrido por tantas crianças e jovens na Colômbia, um país onde a solidão, o mau trato, a violência e a dor se unem à indiferença e o desprezo

cotidiano abordado de maneira sincera, valente e profunda. Sua aproximação a esta penosa realidade se realiza em grau de sensibilidade e poesia. É uma história de amor que transcorre por dentro da dramática história de cinco irmãos, cada um deles desenhado com precisão, com graça e certa alegria, apesar das circunstâncias que os envolvem: os bairros deprimidos, as ruas e os parques abandonados, os rios contaminados, as mentiras e os pratos vazios.

Outro projeto comum com a FNLIJ foi o de oferecer a professores do Brasil a oportunidade de conhecer as ações bem sucedidas que existem sobre bibliotecas e leitura na Colômbia. Meu país tem uma longa tradição nesta área e, suas bibliotecas, tanto públicas como escolares, foram reconhecidas mundialmente pelos seus aspectos inovadores. Ano passado, organizamos, FNLIJ e Asolectura, uma visita de 40 professores ganhadores do Concurso Escolas Leitores, programa do Instituto C&A em parceria com a Fundação. Estes professores estiveram acompanhados por jornalistas e diretores de algumas organizações interessadas em observar a experiência.

Durante uma semana, os visitantes brasileiros tiveram oportunidade de verem de perto experiências inovadoras e participarem de atividades acadêmicas com especialistas e escritores colombianos e uma convidada argentina. Penso que este intercâmbio foi muito enriquecedor para educadores de ambos os países e que seria bom pensar em ampliações e aprofundamentos deste tipo de experiências. O contato com os outros sempre abre caminhos, oferece alternativas e nos permite olharmos a nós mesmos com um olhar diferente, algo que é sempre necessário se quisermos ampliar os nossos horizontes.

# Gian Calvi – 50 anos vendo as coisas de outro jeito

**D**ando continuidade às comemorações dos 50 anos de carreira do ilustrador ítalo-brasileiro Gian Calvi, a exposição *Gian Calvi – 50 anos vendo as coisas de outro jeito*, na Caixa Cultural São Paulo, de 10 de setembro a 13 de novembro, mostra a carreira do artista desde sua reconhecida produção gráfica e literária até sua participação na renovação da filatelia brasileira durante a década de 1970. A exposição está dividida em quatro diferentes temas que refletem as diversas fases do artista: Literatura infantil e juvenil; Design gráfico; Publicidade e propaganda; Responsabilidade social.

A exposição *Gian Calvi – 50 anos vendo as coisas de outro jeito*, esteve no Centro Cultural dos Correios, no Rio de Janeiro, no ano passado. A partir da mostra comemorativa, a

FNLIJ prestou uma homenagem no 12º Salão FNLIJ ao Gian Calvi pelos seus 50 anos de carreira. A editora Global confeccionou um catálogo sobre a exposição. O texto, publicado no catálogo, referente à obra de Gian Calvi nos livros infantis, foi escrito por Laura Sandroni. Em 1974, Calvi criou a ilustração do 14º Congresso da Organização Internacional para o Livro Infantil e Juvenil - IBBY, evento organizado pela FNLIJ no Rio de Janeiro. Ele foi um dos pioneiros na arte de ilustrar livros para crianças e jovens no país, tendo trabalhado ao longo dessas cinco décadas em diversas áreas.

O objetivo da exposição *Gian Calvi – 50 anos vendo as coisas de outro jeito* é agradar públicos de todas as idades, com uma programação especial para crianças que inclui atividades conduzidas por monitores,

oficinas e cantinho de leitura. Para os adultos são oferecidas palestras com temas voltados à criatividade, ao design e à publicidade, realizadas por profissionais do setor. Segundo Gian Calvi: “Essa exposição é um divertido convite a vermos as coisas de outro jeito. Um convite expandir os horizontes da imaginação e criar um mundo onde tudo é possível: máquina vira instrumento, instrumento vira bicho, bicho vira brinquedo. Um mundo povoado por crianças e adultos criativos que celebram o prazer de aprender, descobrir, sonhar, sorrir, observar e conhecer as diferenças. Uma viagem para todas as idades na qual o lúdico e o real se encontram criando um mundo melhor, um mundo para todos”. A exposição acontece até o dia 13 de novembro.

Saiba mais sobre o evento no site [www.giancalvi.com.br](http://www.giancalvi.com.br)

Capa do catálogo para a exposição *Gian Calvi - 50 anos vendo as coisas de outro jeito*, editora Global.



*Gian Calvi*

**50 anos vendo as coisas de outro jeito**

[www.giancalvi.com.br](http://www.giancalvi.com.br)

Patrocínio





# Literatura infantil e juvenil na XV Bienal do Livro Rio



A XV Bienal do Livro Rio aconteceu entre os dias 1º e 11 de setembro, no Rio centro, zona oeste da cidade. Tradicionalmente, a Bienal homenageia um país. Este ano o Brasil foi o escolhido. Segundo Sônia Machado Jardim, presidente do Sindicato Nacional dos Editores de Livros – SNEL – nada mais justo do que começar, em casa, o reconhecimento pelo ótimo momento pelo qual passamos. “O país está em foco das atenções internacionais. No setor editorial, por exemplo, o Brasil será homenageado em 2012 na Feira de Bogotá. No ano seguinte, será a vez de brilhar na Feira de Frankfurt, a principal bolsa de negócios do mercado livreiro em todo o mundo. E em 2014, estará no centro de atenções na Feira de Bolonha, a principal do setor, voltado para a literatura infantil e juvenil” – trecho retirado do editorial do Jornal do SNEL, assinado por Sônia Jardim, organizadora do evento.

Este ano a Bienal do Livro destinou um espaço exclusivo para os adolescentes, intitulado *Conexão Jovem*, onde foram realizados encontros com autores nacionais e internacionais. O espaço *Maré de Livros* foi projetado pelo historiador e educador João

Alegria destinado às crianças e aos jovens que visitaram a Bienal em busca de interatividade com as palavras. A sensação de estar num aquário tinha por objetivo mostrar que é possível se afogar no universo das narrativas e das histórias que os livros trazem para nós.

Outro espaço destinado às crianças e aos jovens foi a Biblioteca Mirim, reunindo obras direcionadas ao público infantil e juvenil. Pela primeira vez a Bienal do Livro Rio organizou uma biblioteca para crianças, uma iniciativa que merece destaque já que as bibliotecas não tem feito parte de

bienais ou de feiras de livros. Com a iniciativa surge mais um espaço, valorizando as bibliotecas, como acesso ao livro, além das ofertas de livros para venda.

Com o Brasil homenageado, a Bienal reuniu no espaço *Café Literário* alguns dos principais autores nacionais em atividade, de nomes consagrados, como Ana Maria Machado e Luis Fernando Veríssimo, e jovens autores, como Flávia Lins e Silva, vencedora do Prêmio FNLIJ Orígenes Lessa / O Melhor Livro para o Jovem 2011, com o livro *Mururu no Amazonas*. O espaço promoveu discussões sobre livros digitais, música popular, quadrinhos, histórias de vampiros e bruxas, e vários aspectos da literatura. Os autores Marisa Lajolo, Flávia Lins e Silva e Joel Rufino dos Santos, mediados por Clarisse Fukelman, debateram com o público sobre *Literatura infantil ontem e hoje: o caso Monteiro Lobato*. Na mesa *Homenagem Brasil*, a acadêmica Ana Maria Machado e o jornalista Edney Silvestre falaram sobre *Ficção e instinto de nacionalidade*, mediados por Rosa Maria de Araújo. Os escritores Bartolomeu Campos de Queirós e Rubem Alves debateram com a plateia sobre *Literatura, linguagem e sabedoria*, mediados por Guimor de Grammont.



Crianças tiveram acesso a diversos livros expostos nos estandes montados na Bienal.



Este ano a novidade do espaço foi o sarau poético *Somos filhos de nossos filhos*, no qual poetas jovens e veteranos mantêm viva a tradição carioca que evoluiu da declamação romântica à moderna leitura em lugares públicos, incluindo a pós-moderna performance na web. Houve apresentação de obras de autores brasileiros escritas para crianças, com Gloria Kirinus, Guto Lins e Roseana Murray, mediados por Henrique Rodrigues.

Depois da experiência de ler para as crianças no 13º Salão FNLIJ, o livro *Palhaço, macaco, passarinho*, de Eucanaã Ferraz, ganhador do Prêmio FNLIJ Ofélia Fontes/ O Melhor Livro para a Criança, a jornalista e colunista do *Globinho*, suplemento do jornal *O Globo*, Simone Intrator participou da Bienal do Livro Rio. Ana Maria Machado, José Wilker e Thalita Rebouças foram capa da revista *Veja Rio* mostrando a diversidade dos destaques da Bienal.



A presidente Dilma Rousseff

O evento foi palco de ações da democratização da leitura. Na cerimônia de abertura, a presidente Dilma Rousseff, anunciou o programa *Livro Popular*. Trata-se de um projeto de incentivo à leitura, cuja meta é levar ao mercado de 2 a 3 mil obras com o preço de R\$ 10, até o fim de 2012. Já o Seminário *E-books e a Democratização do Acesso*, que,

organizado pela Biblioteca Nacional, serviu como mesa de debates para um projeto de empréstimo de livros digitais pelas bibliotecas nacionais.

Durante a XV Bienal do Livro Rio passaram pelo Riocentro 670 mil pessoas. O ponto alto foi a diversidade da programação cultural, que contou com a presença de 113 autores brasileiros e 21 estrangeiros. “Ao final destes 11 dias podemos afirmar que a XV Bienal do Livro Rio entra para a história como a melhor edição. Desde a cerimônia de abertura, quando tivemos a presença da presidenta Dilma Rousseff até os autores dos mais diversos perfis que circularam pelos corredores trazendo um brilho inigualável ao evento e muitas vendas para os nossos expositores”, comemorou Sônia



Famílias inteiras visitaram a Bienal.

Jardim, destacando ainda, que 76% dos visitantes compraram livros.

Anote! A próxima Bienal do Livro Rio já tem data: entre os dias 05 e 15 de setembro de 2013.

**CIDADE:** favelização de pontos turísticos ameaça candidatura do Rio a patrimônio mundial

**FUTEBOL:** em boa fase no Brasileirão, os quatro grandes reformam suas instalações

www.vejario.com.br  
wap.vejario.com.br  
31 de agosto de 2011

Abri

**veja Rio**

Ana Maria Machado, José Wilker e Thalita Rebouças: destaques na festa literária

PARTE INTERESSANTE DESTE ANO: NÃO PODE SER VENDIDA SEPARADAMENTE

**VIAGEM AO MUNDO DAS LETRAS**

As novidades, as principais atrações e a programação da Bienal do Livro, que começa no dia 1º

- São aguardadas 640 000 pessoas, público próximo ao esperado no Rock in Rio
- Mais de 1 000 títulos serão lançados durante os onze dias de feira
- Está confirmada a presença de 21 autores estrangeiros no evento

# 7º Prêmio Barco a Vapor homenageia Bartolomeu Campos de Queirós

**N**a noite de 13 de setembro o público presente ao Nacional Clube, em São Paulo, ficou conhecendo o vencedor do 7º Prêmio Barco a Vapor, uma iniciativa da Fundação SM no Brasil. O paraibano Irley Thiago de Oliveira, de 23 anos, ganhou com o texto *O coelho azul*. O escritor mineiro Bartolomeu Campos de Queirós, ganhador, em 2008, do IV Prêmio Iberoamericano SM de Literatura Infantil e Juvenil, foi o homenageado da cerimônia. Trechos do livro *Tempo de vôo*, de sua autoria, foram representados pelo grupo teatral Os Satyros, que também encenou parte do texto do vencedor do 7º Prêmio Barco a Vapor.

Ao agradecer a homenagem recebida, Bartolomeu Campos de Queirós emocionou a plateia com sua declaração sobre o ofício de escritor e a criação literária: “O escritor é um trapezista sem rede, pois nunca sabe onde pode cair. Quando escrevo, faço o melhor de mim. Mas amanhã vejo que poderia fazer ainda melhor. A grande beleza do mundo é a sua maleabilidade, de nunca ficar pronto e podermos criar à vontade”, conferiu Queirós.

De acordo com Irley Thiago de Oliveira, que concorreu com outros 657 escritores de todo o país: “No começo não reconheci que era o meu livro”, disse o autor. Ele recebeu o troféu das mãos da escritora Stella Maris Rezende, vencedora da edição passada com o texto *A guardiã dos segredos de família*. “O Prêmio Barco a Vapor muda a vida do escritor”, afirma a autora. Irley levou três semanas para escrever *O coelho azul*. “Este foi o texto mais divertido que já fiz”, e será o primeiro a ser publicado em livro.

O Prêmio Barco a Vapor de Literatura Infantil e Juvenil é promovido pela Fundação SM e se propõe a estimular a produção literária e a promover a leitura entre crianças e jovens. Criado em 1978, na Espanha, chega à sétima edição no Brasil. O vencedor além de ter a sua obra publicada na Coleção Barco a Vapor, da Edições SM, recebe R\$ 30 mil a título de adiantamento de direitos autorais.

O diretor da Fundación SM, sediada na Espanha, Leoncio Fernández, reiterou o compromisso da entidade no país: “Reafirmo o compromisso da Fundação SM no investimento à melhoria da educação e no incentivo à leitura”. Para a representante da Fundação SM no Brasil, Rosangela Rossi, o Prêmio Barco a Vapor é uma iniciativa em prol da construção de uma sociedade mais competente, crítica e justa.



Bartolomeu Campos de Queirós

## VII Prêmio Iberoamericano SM de Literatura Infantil e Juvenil

O escritor galego Agustín Fernández Paz é o vencedor do VII Prêmio Iberoamericano SM de Literatura Infantil e Juvenil. Autor de mais de 45 obras destinadas às crianças e aos jovens, escritas originalmente em galego, geralmente traduzidas em espanhol, catalão, coreano, português, francês, árabe e italiano. No Brasil não há livros traduzidos do autor. É um bom momento para o editorial brasileiro produzir suas obras.

O júri concedeu a sétima edição do Prêmio Iberoamericano SM, destacando a longa narrativa, que aborda uma ampla variedade de gêneros e questões, nas obras de Paz. O grupo de jurados foi composto pela chilena Verónica Abud, a cubana Julia Calzadilla, a espanhola Teresa Colomer, a mexicana Alicia Molina e o espanhol Xavier Senin.



Irley Thiago de Oliveira



# Vencedores do Prêmio Jabuti 2011

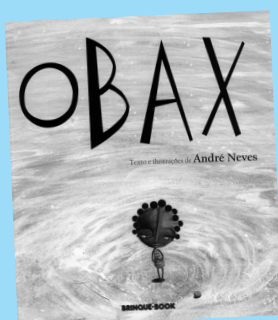
No dia 17 de outubro foram divulgados os vencedores das 29 categorias do 53º Prêmio Jabuti. Eles serão contemplados com o Troféu Prêmio Jabuti e R\$ 3 mil. No dia 30 de outubro, na cerimônia de premiação, em São Paulo, será conhecido o ganhador do Livro do Ano de ficção e de não-ficção. Cada um receberá R\$ 30 mil.

A edição de 2011 começou com algumas mudanças de regras e ampliações no número de categorias, de 21 para 29, e no valor total do prêmio, de 123 para 147 mil. As inscrições aconteceram entre os dias 23 de março e 31 de agosto. No dia 13 de setembro o público ficou conhecendo os dez finalistas de cada uma das 29 categorias. A novidade deste ano ficou por conta do vencedor de ficção e de não-ficção, os concorrentes são os 29 ganhadores de cada uma das categorias. No segmento literário direcionado às crianças e aos jovens, os laureados com o Prêmio Jabuti 2011 foram:



## **Categoria Ilustração:**

- Livro *O corvo*, de Manu Maltez (Scipione) - Prêmio FNLIJ Luis Jardim/ A Melhor Ilustração 2011.



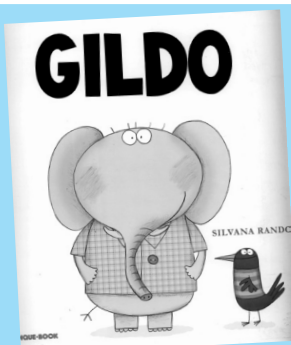
## **Categoria Infantil:**

- Livro *Obax*, de André Neves, editora Brinque-Book – Altamente Recomendável FNLIJ 2011.



## **Categoria Juvenil:**

- Livro *Antes de virar gigante e outras histórias*, de Marina Colasanti (Ática) - Altamente Recomendável FNLIJ 2011.



## **Categoria Ilustração de Livro Infantil e Juvenil:**

- Livro *Gildo*, ilustrado por Silvana Rando (Brinque-Book).

**D**e acordo com o resultado geral da apuração, os livros finalistas na categoria Infantil foram: *Controle Remoto*, de Tino Freitas (Manati) - Altamente Recomendável FNLIJ 2011; *Com mil diabos!*, de Ernani Ssó (Companhia das Letras) - Altamente Recomendável FNLIJ 2011; *Obax*, de André Neves (Brinque-Book) - Altamente Recomendável FNLIJ 2011; *Nuvem feliz*, Alice Ruiz e Edith Derdyk (Editora 34); *Filosofia brincante*, de Marcia Tiburi (Record); *Psiquê*, de Angela-Lago (Cosac Naify) - Prêmio FNLIJ Figueiredo Pimentel / O Melhor Livro Reconto Hous-Concours 2011; *Telefone sem fio*, de Ilan Brenman e Renato Moriconi (Companhia das Letras) - Prêmio FNLIJ Luís Jardim / O Melhor Livro de Imagem 2011; *A lua dentro do coco*, de Sérgio Capparelli (Projeto) - Altamente Recomendável FNLIJ 2011; *Endrigo, o escavador de umbigo*, de Vanessa Barbara (Editora 34); Coleção Desmontando, de Renata Bueno (FTD) - Altamente Recomendável FNLIJ 2011; *Quem soltou um pum?*, de Blandina Franco (Companhia das Letras); *Olívia tem dois papais*, de Márcia Leite (Companhia das Letras).

Os livros finalistas na categoria Juvenil foram: *O poeta que fingia*, de Álvaro Cardoso

Gomes (FTD); *Antes de virar gigante e outras histórias*, de Marina Colasanti (Ática) - Altamente Recomendável FNLIJ 2011; *Sortes de Villamor*, de Nilma Lacerda (Scipione) - Altamente Recomendável FNLIJ 2011; *Tristão e Isolda*, adaptação de Helena Gomes (Berlendis); *A espada turca*, de Luiz Antônio Aguiar (Biruta); *Sangue de Lobo*, Rosana Rios e Helena Gomes (Farol Literário); *O monge e o passarinho*, Angela-Lago (Scipione) - Altamente Recomendável FNLIJ 2011; *O gosto do Apfelstrudel*, de Gustavo Bernardo (Escrita Fina); *O corvo*, de Manu Maltez (Scipione) - Prêmio FNLIJ Luis Jardim / A Melhor Ilustração 2011; *O estalo*, Luís Augusto Campello Dill (Positivo) - Acervo Básico FNLIJ 2011; *Histórias mal-assombradas de Portugal e Espanha*, de Adriano Messias (Biruta) - Altamente Recomendável FNLIJ 2011; *Nem pensar*, de Marcelo Carneiro da Cunha (Projeto).

O livro *Telefone sem fio*, de Ilan Brenman e Renato Moriconi, vencedor do Prêmio FNLIJ Luís Jardim / O Melhor Livro de Imagem 2011 e a Coleção *Palavra Rimada com imagem*, ilustrações de Rosinha Campos (Projeto) - vencedora do Prêmio FNLIJ Figueiredo Pimentel / O Melhor Livro Reconto 2011; disputaram o Prêmio Jabuti

na categoria Ilustração de Livro Infantil e Juvenil. Conheça os outros finalistas na categoria: *O casamento de Monalisa e Aleijadinho*, ilustrado por Taisa Borges (Biruta); *A lua dentro do coco*, ilustrado por Eloar Guazzelli Filho (Projeto) - Altamente Recomendável FNLIJ 2011; *Kindilim na floresta encantada*, ilustrado por Rogério Borges (Moderna); *Gildo*, ilustrado por Silvana Rando (Brinque-Book); *Espetáculos de números*, ilustrações de Gilles Eduard (Ática); *Histórias de bichos brasileiros*, ilustrado por Geraldo Valério (WMF Martins Fontes); *Ledazeda*, ilustrações de Taisa Borges (Grão); *Meu amigo mais antigo*, ilustração de Marcelo Xavier (Abacatte) - Altamente Recomendável FNLIJ 2011; *O marimbondo do Quilombo*, ilustrações de Rubem Filho (Amarilys); *Obax*, de André Neves (Brinque-Book) - Altamente Recomendável FNLIJ 2011; *Cartão-postal*, de André Neves (DCL).

Na categoria Tradução, o livro *Os três mosqueteiros*, de Alexandre Dumas, tradução de André Telles e Rodrigo Lacerda (Zahar) - Altamente Recomendável FNLIJ 2011, dirigido aos jovens, disputou o Prêmio Jabuti 2011 com outros títulos para o público adulto.

Leia mais no site [www.cbl.org.br](http://www.cbl.org.br)

## MANTENEDORES DA FNLIJ

Abacatte Editorial; Abrelivros; Ação Social Claretiana (Ave Maria); Agência Literária BMSR (Agência Riff); Artes e Ofício Editora Ltda; Autêntica Editora Ltda; Berlendis Editores Ltda; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Callis Editora Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Companhia das Letrinhas; Companhia Editora Nacional - IBEP; Cortez Editora e Livraria Ltda; Cosac Naify Edições Ltda; DCL - Difusão Cultural do Livro Ltda; Distribuidora Record de Serv. De Imprensa; Doble Informatica; Duna Dueto Editora Ltda; Edelbra Ind. Gráfica e Editora Ltda; Edições Escala Educacional Ltda; Edições SM Ltda; Ediouro Publicações S/A; Editora 34; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora Brasiliense; Editora Cia dos Livros; Editora Dimensão Ltda; Editora do Brasil S/A; Editora e Distribuidora Ciranda Cultural Ltda; Editora FTD S/A; Editora Fundação Peirópolis Ltda; Editora Globo; Editora Guanabara Koogan S/A; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Larousse do Brasil; Editora Lê/Compór; Editora Leitura; Editora Manole; Editora Melhoramentos Ltda; Editora Mercuryo Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem Ltda; Editora Nova Alexandria Ltda; Editora Nova Fronteira S/A; Editora Objetiva Ltda; Editora Original (Panda Books); Editora Positivo; Editora Projeto Ltda; Editora Prumo Ltda; Editora Rideel Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Salamandra Ltda; Editora Scipione Ltda; Editora Sextante/Marcos da Veiga Pereira; Editora Vermelho Marinho Usina de Letras Ltda; Elementar Publicações e Editora Ltda; Escolas Profissionais Salesianas; Florescer Livraria e Editora Ltda; Fundação Casa de Lygia Bojunga; Geração Editorial Ltda; Girafinha Editora; Girassol Brasil Edições Ltda; Gráfica Editora Estampapa Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Imperial Novo Milênio Gráfica e Editora Ltda; Inst. Bras de Edições Pedagógicas -IBEP (RIO); Inst.Cultural Aletria Ltda; Jorge Zahar Editor; L&PM Editores S/A; Littere Editora Ltda; Livros Studio Nobel Ltda; Manati Produções Editoriais Ltda; Martins Editora e Livraria Ltda; Mazza Edições Ltda; Noovha América Editora Distrib. De Livro Ltda; Pallas Editora e Distribuidora; Paulinas - Pia Soc. Filhas de São Paulo; Paulus - Pia Soc. de São Paulo; Pinakotheke Artes Ltda; Pinto e Zincone Editora Ltda; Planeta do Brasil Ltda; PwC; RHJ Livros Ltda; Rovelte Edição e Comércio de Livros; Saraiva S/A Livrários Editores (Atual / Formato); Sindicato Nacional dos Editores de Livros - SNEL; Uni Duni Editora Ltda; WMF Martins Fontes Editora Ltda; Zit Editora.

**EXPEDIENTE** Fotolito e Impressão: PwC • Editor: Elizabeth D'Angelo Serra • Jornalista: Claudia Duarte - Mtb. 27.571/RJ • Diagramação: Horacio Costa Design • **Gestão FNLIJ 2011-2014** • **Conselho Curador:** Alfredo Gonçalves, Carlos Augusto Lacerda, Gisela Zincone, Laura Sandroni, Silvia Negreiros e Suzana Sanson. **Conselho Diretor:** Isis Valéria (Presidente) e Marisa de Almeida Borba. **Conselho Fiscal:** Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Terezinha Saraiva. **Suplentes:** Anna Maria Rennhack, Jorge Carneiro e Regina Bilac Pinto. **Conselho Consultivo:** Alfredo Weiszflog, Ana Lígia Medeiros, Annete Baldi, Bia Hetzel, Cristina Warth, Eduardo Portella, Eny Maia, José Alencar Mayrink, José Fernandes Ximenes, Lília Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Paulo Rocco, Propício Machado Alves, Regina Lemos, Rogério Andrade Barbosa, Silvia Gandelman e Wander Soares.

Associe-se à FNLIJ e receba mensalmente o Notícias, em versão impressa.

telefone: 21 2262-9130

e-mail: [fnlij@fnlij.org.br](mailto:fnlij@fnlij.org.br)

[www.fnlij.org.br](http://www.fnlij.org.br)

APOIO



Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil Tel.: (0XX)-21-2262-9130 Fax: (0XX)-21-2240-6649 E-mail: [fnlij@fnlij.org.br](mailto:fnlij@fnlij.org.br)

**IMPRESSO**



# BIBLIOTECA ESCOLAR: Um modelo legitimista ou uma proposta transformadora?<sup>1</sup>

Silvia Castrillón

Neste texto pretendo fazer uma análise do modelo de biblioteca escolar legitimista, quer dizer, um modelo que legitima e pretende dar um sentido à biblioteca escolar a partir da sua eficiência para propósitos educativos orientados ao entretenimento dos estudantes em habilidades e destrezas que os faça mais competitivos no mercado laboral. Também me refiro ao modelo legitimista em função do papel que a biblioteca pode exercer para consolidar uma suposta sociedade da informação e do conhecimento.

O assunto das bibliotecas escolares começou a ser uma realidade na América Latina e na Espanha impulsionado por alguns organismos internacionais, através de planos e políticas nacionais em alguns países da região, e também, de vozes isoladas de alguns especialistas que vêem nelas possibilidades de melhorar a qualidade e o rendimento da educação.

A biblioteca escolar começa a ser, por fim, um tópico de interesse nos objetivos educativos em nossos países e um tema importante nos processos de educação bibliotecária. Mas, não poderíamos encher-nos de otimismo com isso, sem correr o risco de cair na ingenuidade, ainda que, os novos prédios para bibliotecas escolares, as melhorias nas aquisições de coleções bibliográficas e documentais, e até mesmo, o esforço para contratar bibliotecários seja um grande avanço, isso não significa necessariamente que exista uma ideia clara do que a biblioteca escolar representa no processo social da educação e na reflexão pedagógica.

Efetivamente, no atual modelo educativo, a biblioteca escolar segue significando pouco e se vê reduzida irremediavelmente a ser um espaço para a consulta, um lugar de deveres e de usos instrumentais da informação e, em ocasiões, para a chamada “promoção da leitura”. Só que agora pode adquirir melhores recursos.

Esta ambiguidade na concepção

da biblioteca como organismo educativo, como entidade pedagógica, é apenas uma manifestação lógica de uma profunda falência ontológica e programática que ainda não lhe permite responder às transcendentais perguntas de seu ser e de seu fazer: Que diz a biblioteca, e o que faz, no âmbito da educação? A partir de que representações ela vê a educação, a escola e o papel da escola na sociedade? E, mais especificamente: a partir de quais concepções, convicções e compromissos direcionam o olhar para a cultura escrita e a informação? As perguntas anteriores são válidas e poderiam ser feitas por qualquer bibliotecário inquieto e comprometido com a busca de um sentido para a biblioteca escolar. Porém, aqui se propõe inverter o lugar onde se fazem as perguntas. Ou seja, pergunta-se sobre a biblioteca a partir das concepções que a sociedade tem sobre a educação; a partir das concepções e interesses de como se enxerga a leitura e a escrita - e assim mesmo, seu ensino e sua promoção-. Tentar situar ali a biblioteca escolar e ver o papel que tem na leitura e na escrita.

Ao examinarmos o modelo que se propõe para a escola atual, ou seja, o de uma escola empenhada na formação de pessoas em condições de competir no mercado laboral e contribuir, supostamente, para melhorar os índices de competitividade nacional - se ao entrar no terreno das profundas contradições que estabelece este modelo-, a biblioteca escolar teria um lugar mais visível nas políticas educativas e até nas da macroeconomia do país. Efetivamente, poderia constituir um instrumento para o impulso de projetos funcionalistas como o da *sociedade da informação e do conhecimento*, e como espaço de consumo das TIC. A este modelo escolar, inclusive, se poderia acrescentar - para estar em dia com as modas ideológicas- a da formação cidadã. Isto é, sempre e quando se fala, portanto, de uma cidadania que não



DESDE 1968

Notícias

# Suplemento

Reflexões sobre leitura e literatura infantil e juvenil. Fascículo nº 42

<sup>1</sup> A bibliotecária colombiana Silvia Castrillón apresentou o texto a seguir na palestra Biblioteca e formação de leitores, realizada no Centro de Artes Calouste Gulbenkian, no Rio de Janeiro, para um público formado por bibliotecários, professores, editores e especialistas em literatura infantil e juvenil.

comprometa o modelo de sociedade para o qual esta escola trabalha. Neste sentido, a biblioteca escolar encontraria um maravilhoso espaço como reprodutora de cultura política de caráter cívico, integradora e moldadora de comportamentos cidadãos externalistas que promovem a cidadania como norma; valores e comportamentos ajustados a uma ordem social assentado, como se dizia antes, na competência para a produtividade, o sucesso econômico como ideal de vida.

Partindo destas concepções é possível que a biblioteca escolar esteja começando a encontrar um espaço aqui e em nosso país. Faz parte agora das propostas de alguns organismos internacionais; em alguns lugares se incluem no desenho dos novos edifícios para as escolas; são mencionadas nas políticas educativas e começam a considerar-se como um fator que impacta sobre os índices de eficiência em algumas avaliações sobre a qualidade da educação.

Porém, também dentro destes discursos aparecem grandes contradições inerentes ao modelo de sociedade e de educação a seu serviço. Dentro deste esquema as bibliotecas escolares são as primeiras em sofrer a pressão quando se exige maior rendimento com menor custo na medida em que se associam mais com o livro que com os computadores. Ainda assim, dentro deste modelo se pode pensar na biblioteca escolar como um auxiliar para a escola com dois propósitos: a mal chamada “alfabetização digital” – é sabido que nesta matéria os bibliotecários superam aos professores– e para promover a leitura como diversão.

Porém, inclusive neste *modelo legitimista* a biblioteca escolar tampouco encontra uma forma de trabalho que acompanhe a sala de aula. Pelo contrário, se estabelece uma especialização das funções entre a biblioteca e a aula em que a biblioteca não parece ter um papel essencial que incida de maneira efetiva nos processos educativos; nem em que a aula seja referência real para a formação de coleções dos serviços bibliotecários.

Aprofundando nisto, é bom dizer que, certamente, no atual modelo institucional colombiano da escola, a aula faz um trabalho e a biblioteca outro. Numa forma de operação tautológica, cada uma faz uma busca de sentido em si mesma, seja nos limites da técnica didática ou nos da técnica bibliotecológica.

Se, as funções estão devidamente demarcadas, de tal maneira que os processos educativos que compartilham, e que deveriam ser integralmente atendidos por elas, diferem ao ponto grave de que, tanto para professores como para bibliotecários e estudantes, uma coisa não tem nada a ver com outra: aprender a ler, aprender a escrever, buscar informação, decorar dados e responder questionários, são atividades mecânicas e isoladas e não formam parte de processos de construção de conhecimento e de significação do mundo e de si mesmos. Por exemplo: elaborar uma argumentação ou desmontar outra, compreender um fenômeno natural ou social, ou o funcionamento de um mecanismo, desfrutar do prazer da leitura de um texto... Em resumo, as práticas de ler e escrever com sentido, não têm a ver com as primeiras ações, as que se realizam na aula; Também não parece ter relação com os próprios processos do uso da informação.

Com isto, se consolida na escola uma consigna central (e prejudicial) do pensamento mecanicista moderno: há um

lugar para cada coisa e cada coisa tem seu lugar. Reiteram-se assim a pulsão atomizante do pensamento cartesiano que, em termos educativos, projeta a biblioteca e a sala de aula como lugares distantes, com limites simbólicos e inclusive rituais míticos infranqueáveis.

Nestas condições de fratura da unidade inerente aos processos pedagógicos da aula e da biblioteca, como dizem os professores argentinos Cecilia Bajour e Gustavo Bombini “o conceito do ensino [se reduz a] a reprodução mecânica de sequências didáticas preestabelecidas que em geral orbitam em torno do livro de texto como fonte única”, como afirmam os professores argentinos. Essas sequências baseadas numa fonte única se reforçam mediante consultas que devem ser feitas pelos estudantes na biblioteca – a escolar, se é que há, ou na pública quando o colégio carece dela–, para o qual o bibliotecário se prepara com o que já sabe que o professor costuma pedir.

Aqui, obviamente, todos resultam alienados. O docente, porque reduz o amplo universo do saber humano ao *dado*, e nega a possibilidade de contrastar, a verificação documental e a atitude crítica. O bibliotecário, porque se torna um simples atendente da informação. E, sem dúvida alguma, o estudante, que adquire estratégias perversas de manejo da informação em que confunde conhecimento com informação, informação com dado e dado com a certeza.

Nisto, como dizem também os dois autores já citados, se “desatendem os contextos específicos em que o ensino se produz [...] os cenários socioculturais, a pluralidade de sujeitos que participam da riqueza e multiplicidade dos textos que podem ser lidos na sala de aula, na biblioteca e na escola” (Bajour y Bombini, s/f: 7).

Ao aprofundar ainda mais nas relações entre biblioteca e sala de aula, é válido advertir que ao *modelo legitimista* da educação corresponde, por um lado, a uma concepção reducionista da leitura que a promove como evasão, como recurso lúdico e recreativo (uma atividade orientada fundamentalmente a responder à promoção do livro em sua condição de mecânica, associada de maneira exclusiva ou prioritária com as indústrias do entretenimento). E por outro lado, é associado à concepção da informação como objeto, como instrumento, como recurso, e não como processo social e cultural. Nestas duas concepções sim é certo que todas as bibliotecas, especialmente as escolares, se encontram muito a vontade.

Não quer dizer com isto que a biblioteca escolar, não deva ou não possa facilitar o acesso às tecnologias e propor o prazer da leitura. Eis aqui a sutileza do conteúdo ideológico do atual conceito da biblioteca escolar: propõe a leitura como uma atividade hedonista carente de risco e esforço, de compromisso e dedicação, uma atividade desprovida de toda busca de sentido. Assim, este conteúdo impregna quase todos os projetos de dotação e desenvolvimento de colégios no país, e reduz o complicadíssimo problema sociológico, político, econômico e bibliotecológico que encerra o processo de *transferência social* da informação ao “acesso às TIC”, ao tempo que despoja à leitura de todo seu poder transformador pessoal e social.

Na fase mais refinada desta concepção legitimista - que começou a ter novas ressonâncias nas iniciativas bibliotecárias da cidade, como as que se mencionavam no início deste



texto— surge a imagem idealizada de uma biblioteca escolar moderna, funcional, bibliotecologicamente bem organizada e especialmente dotada com as últimas tecnologias da informação e da comunicação. Por trás disso, não há como negá-lo, pulsa a concepção do desenvolvimento social como um problema de tecnologias e de infraestrutura. Assim, se caminha para um modelo funcional de biblioteca escolar, tão tecnologizada como distanciado, dos propósitos fundamentais de uma educação não alienante, comprometida em formar o Ser em si, diante ao outro e com a responsabilidade assumida de se esforçar por conseguir uma vida social e política abrangente e dignificante.

Diante da consolidação do modelo legitimista da biblioteca escolar, a única possibilidade seria, inicialmente, estimular uma tomada de consciência de que esse conjunto de ideias não são os propósitos fundamentais com os quais se deveria trabalhar nas escolas e bibliotecas, o problema das relações entre a vida social, a informação e a cultura escrita.

A questão é poder gerar uma reflexão profunda (socializada e politizada), sobre a necessidade, não somente de questionar estes supostos, senão especialmente, de gerar ações que permitam “ir mais além” nos agudos temas da formação de leitores e escritores numa cultura escrita aberta, pública, radicalmente disposta para todos, mas nunca obrigatória, nem homogenizadora; também avançar no tema da formação científica como ação pedagógica para a dignificação da vida e o respeito pela unidade do ser humano com o mundo e não para sua depredação; no uso da informação como meio e não como fim; e propor dentro da formação para a cultura escrita outros propósitos mais elevados, mais próximos à ânsia humana de significação e completude.

E se acreditamos que é possível que as coisas se dêem de outra maneira - pelo menos em alguns lugares, em alguns momentos e com algumas pessoas – sugerem-se alguns propósitos para a educação ou, melhor, algumas condições em que a aula e a biblioteca podem trabalhar conjuntamente para uma transformação do modelo educativo, pelo menos no nível micro, em algumas escolas onde ainda é possível a construção escolar do conhecimento, como diria Emilia Ferreiro. Trata-se, como dizem Bajour e Bombini, de “postular um universo aberto de informação diversificada que reconhece na biblioteca escolar um domicílio privilegiado para seu acesso, sua busca, sua investigação. Esta busca terá a complexidade de uma *indagação crítica* que avaliará a qualidade da informação recolhida, a confiabilidade de suas fontes e propiciará sua leitura reflexiva, ao mesmo tempo em que, estabelecerão *conexões, pontes e nexos entre a informação recolhida*”. (Bajour e Bombini, s/f: 6; o destacado é nosso).

Devemos destacar destas palavras, os conceitos de *indagação crítica* e de *estabelecimento de nexos* e pontes entre a informação, e acrescentar que, se estas operações se realizam mediante práticas sociais, como deveriam ser as da escola – sem dúvida transcendental na construção de um novo modelo de educação – a biblioteca escolar adquire um sentido novo, o outro.

Este sentido outro, se dá na medida em que, se instale na escola uma nova postura diante da informação e do conhecimento, ao considerar que estes, se questionam, se comparam, se relacionam, se contextualizam, são abordados de diferentes perspectivas e são objeto de uma construção

coletiva onde a experiência e os saberes de todos aqueles que participam dessa construção custam e se valorizam. Tudo isso no horizonte pedagógico que propôs Paulo Freire com suas ideias libertadoras sobre o saber, o dizer que “quando mais criticamente se exerça a capacidade de aprender, tanto mais se constrói e desenvolve o que eu venho chamando a ‘curiosidade epistemológica’, sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto.” (Freire, 1997: 26)

Porém, é importante fazer um parêntese para dizer que a revalorização dos saberes dos estudantes não significa de maneira alguma que os dos professores e bibliotecários sejam menos importantes e que ambos, docentes e bibliotecários, retrocedam sem intervir ou orientar. Não se trata de renunciar à intervenção, questão que virou moda em áreas dos mistificados interesses e suposta autonomia dos alunos. A partir dos interesses e dos saberes prévios é a nova consigna com que, definitivamente, se renuncia a formar e educar, o que se converte em fator importante de exclusão, pois com toda segurança quem esteja dotado com mais interesses e mais saberes, são também aqueles que têm maiores oportunidades. Sobre este tema também poderíamos referir-nos a Freire, quem de maneira insistente coloca a intervenção do docente como um dever ético e, ainda mais, a Philippe Meirieu quem trata esta questão em seu livro *A opção de educar*.

Assim então, é necessário propor uma biblioteca escolar que se sinta parte integrante da escola e cujo aporte seja o de converter-se em espaço para olhar de outra maneira o conhecimento e a informação, e para dar novo significado à leitura e a escrita, tanto para os docentes como para os alunos. A primeira mudança que se deve operar na biblioteca é a da sua concepção: esta deve ser feita primeiro a partir do pedagógico, com a qual não se quer desvalorizar o bibliotecológico. O autor espanhol Guillermo Castán se refere à tendência de apresentar o modelo de biblioteca escolar partindo do bibliotecológico em seu livro *As bibliotecas escolares: sonhar, pensar, fazer*:

*...Outro risco que já se manifesta na maior parte da produção teórica e das experiências realizadas nos últimos anos é centrar todo o interesse em como organizar tecnicamente uma biblioteca escolar de modo mais “eficaz”, evidenciando uma concepção puramente instrumentalista da biblioteca, onde os meios se confundem com os fins, e desviando o debate de fundo, que deveria centrar-se nas finalidades, no para que (e somente depois se responderia ao como) de uma biblioteca escolar de novo indicador numas escolas que devem dar respostas a novas necessidades curriculares e sociais. (Castán, 2002: 14)*

Uma biblioteca escolar é mais um produto de uma construção coletiva em que participam docentes, a direção docente e professores em primeira instância, mas também os alunos. “Uma biblioteca escolar não nasce, ela se faz” diz, em outro texto Cecilia Bajour (2006). Ou, dito de outra maneira: instalar uma biblioteca nas práticas cotidianas de docentes e alunos, no imaginário da direção docente e administradores de níveis centrais, de equipes de planejamento curricular e de equipes acadêmicos, não é algo que se dá mediante sua inclusão numa norma ou num discurso. Tampouco depende da boa vontade de bibliotecários ou de alguns docentes,

ainda que seja possível que dali surjam as primeiras iniciativas.

Estas iniciativas deveriam orientar-se a desenvolver na escola uma reflexão sobre a informação e sobre o conhecimento; sobre as circunstâncias em que estes se produzem, as condições de mercadoria a que têm sido reduzidos os objetos culturais (os livros, por exemplo) e a informação, as relações de poder que impedem a sua apropriação quando esta é fonte de riqueza para poucos, mas também sobre a informação, e a leitura e escritura como necessidades para a compreensão do mundo e de si mesmo e como fonte de inspiração para a ação. Também deveria propiciar-se a reflexão sobre o valor social que leitura e a escrita têm; a importância de que sua apropriação seja social, mediante práticas sociais e com fins sociais. A biblioteca – a pública e a escolar – deveria ser quem convidasse à sociedade para uma reflexão desta natureza, se pensar que ambas têm um projeto político em comum que deve caminhar por uma sociedade mais justa e abrangente.

Por outro lado, esta reflexão deve incluir as condições necessárias para criar na escola, em cada escola, uma biblioteca que permita diversificar e dar um novo significado às práticas de leitura e escrita; dar outro significado ao uso, a contextualização e à crítica da informação; admita o acesso a materiais de leitura variados, pertinentes e

sobre tudo de excelente qualidade. Tudo isso através de projetos que comprometam à instituição e que envolvam a totalidade da comunidade educativa, incluindo os pais e as mães em sua própria formação de leitores, transformando-os assim em cúmplices e não em auxiliares da formação de seus filhos como leitores.

Mas, para terminar, não convém ter considerações ingênuas a respeito do panorama do desenvolvimento das bibliotecas escolares na Colômbia, pois como disse Castán, o melhor é “construir, ali onde se possa, onde haja docentes, bibliotecários, e pais e mães comprometidos, verdadeiras bibliotecas escolares que possam servir de modelo para que possam exibir livros que interessem, e por isso comprometam à comunidade educativa.” (Castán, 2002: 44)

Essa ação de mudança local, de mudança no imediato – a vida cotidiana da escola na sala de aula e na biblioteca – deveria ser correspondida com uma ação política que, parodiando a ideia de Castán, possa construir ali – quando e com quem se possa, onde haja pessoas com consciência da ação e do valor da ação política – políticas educativas bibliotecárias que remetam à biblioteca escolar do jugo do modelo legitimista e mecânico que padece. Este é um bom conceito de ação política para todos os que trabalham para fazer da escola um espaço de vida e não de negação.



## Referências Bibliográficas

Bajour, C. e Bombini, G., **Módulo III Bibliotecas escolares**. Máster em promoção da leitura, Universidade de Alcalá. Instituto de pós-graduação de Estudos Culturais e de Comunicação (www.ipec.net)

Bajour, C. (2006). **Apontes sobre bibliotecas escolares**. Reflexões surgidas a partir do intercambio do I Encontro de Bibliotecas escolares “Perspectivas das Bibliotecas escolares em Ibero América”. Cerlalc. Cartagena de Índias, julho 25-27, 2006.

Castán, G. (2002). **As bibliotecas escolares: sonhar, pensar, fazer**. Sevilla: Diada Editora.

Freire, P. (1997). **Pedagogia da autonomia**. México: Siglo XXI.

Meirieu, P. (2001). **A opção de educar: ética y pedagogia**. Barcelona, Octaedro: 2001.



Silvia Castrillón é formada em Biblioteconomia, em Medellín, com especialização em Educação, na França. Nos anos 1990 dirigiu a Fundação para o Fomento à leitura – Fundalectura, quando recebeu, na época, o Prêmio IBBY ASAHI, o mais significativo reconhecimento internacional direcionado a projetos e trabalhos de fomentação à leitura. Como presidente da seção colombiana do IBBY organizou o 27º Congresso do IBBY em Cartagena das Índias, na Colômbia. Atualmente é dirigente da Associação Colombiana de Leitura e Escrita – Asolectura. O primeiro livro da autora a ser traduzido para a língua portuguesa foi *O direito de ler e de escrever*, da editora Pulo do Gato, lançado após a palestra no Rio de Janeiro.



Silvia Castrillón

## Reflexões sobre leitura e LIJ – Fascículo nº 42

Parte integrante do **Notícias 10/2011**

**Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ**

Responsável:  
Elizabeth D'Angelo Serra

Tradução:  
Oscar Garcia da Rosa

Fotolitos e impressão:  
PricewaterhouseCoopers